**PARTE DIVERSIFICADA DO CURRÍCULO EM UMA ESCOLA PÚBLICA FEDERAL: O OLHAR DE RESIDENTES SOBRE A EXPERIÊNCIA COM UMA DISCIPLINA DE ESPORTE ESCOLAR**

Jéssica Cristina Santiago de Oliveira[[1]](#footnote-1)

João Victor Campelo Petri[[2]](#footnote-2)

Gustavo José Silva de Lira[[3]](#footnote-3)

Kadja Michele Ramos Tenório[[4]](#footnote-4)

**Resumo**

Este relato de experiência tem por objetivo discutir as peculiaridades de uma disciplina da Parte Diversificada do currículo através de nossa experiência como residentes durante o período de imersão no programa Residência Pedagógica em uma escola pública Federal na cidade do Recife/PE. Para tanto, apresentaremos as experiências vividas durante um semestre letivo nas aulas da disciplina Esporte Escolar, discutindo como se deu esse processo para além do currículo obrigatório e expondo as principais dificuldades, inquietações e aprendizados.

**Palavras Chave:** Currículo; Residência Pedagógica; Educação Física.

**Abstract**

This experience report aims to discuss the peculiarities of a discipline of the Diversified Part of the curriculum through our experience as residents during the period of immersion in the Pedagogical Residency program in a Federal public school in the city of Recife / PE. To this end, we will present the experiences lived during a semester in the classes of the School Sport discipline, discussing how this process took place beyond the compulsory curriculum and exposing the main difficulties, concerns and learning.

**Keywords:** Curriculum; Pedagogical Residence; Physical Education;

**INTRODUÇÃO**

Em realidades escolares com condições privilegiadas, novas possibilidades se abrem no âmbito das aprendizagens dos estudantes. Legitimando e estimulando isso, os documentos norteadores do currículo na educação trazem a Parte Diversificada (PD) que corresponde a disciplinas oferecidas para além das disciplinas obrigatórias do currículo. Na realidade escolar desse relato inserida em um *campus* de uma universidade pública federal de uma universidade, com a tríade ensino, pesquisa e extensão e com professores extremamente capacitados, explorar as peculiaridades e o processo dessas disciplinas para além do currículo se torna um trabalho riquíssimo.

A realidade a qual mencionamos é a encontrada durante o processo de experiência no programa Residência Pedagógica, vinculado à Universidade de Pernambuco – UPE por estudantes de licenciatura em Educação Física em uma escola pública federal na cidade do Recife/PE. O tema proposto surgiu pela dificuldade e peculiaridade que nós – professores em formação – tivemos em trabalhar em um semestre com uma disciplina para além do currículo obrigatório.

O Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco foi a escola em que o presente trabalho se desenvolveu e é uma instituição de ensino, pesquisa e extensão que funciona como *lócus* privilegiado de formação inicial e continuada de professores e de inovações pedagógicas. Tivemos a colaboração de um professor preceptor, docente na instituição e responsável tanto pela disciplina como pela PD correspondente à Educação Física nesse ano.

A disciplina da parte diversificada do currículo – a qual é objeto de estudo do trabalho – citada é denominada Esporte Escolar, tem cerca de dez estudantes e a perspectiva escolhida pelo coletivo de professores de Educação Física da instituição para nortear o trabalho a ser desenvolvido foi a do treinamento esportivo escolar. Porém, sendo talvez mais flexível que o currículo obrigatório, a PD oferece liberdade aos professores de reinventar e experimentar novas perspectivas a cada ano letivo.

Com isso, o objetivo do trabalho é discutir as peculiaridades de uma disciplina da parte diversificada do currículo através de nossa própria experiência como residentes e ministrantes das aulas, expondo dificuldades, dúvidas e aprendizados correspondentes a esse processo.

**METODOLOGIA**

Através da perspectiva de um relato de experiência descreveremos as vivências durante um semestre letivo, com período datando entre os meses de julho a novembro de 2019 com uma turma de Ensino Fundamental em uma disciplina da parte diversificada do currículo. Ao abordar o processo da prática pedagógica utilizada nas aulas da PD Esporte Escolar, destacaremos, a partir da realidade, limites e possibilidades relativas ao contexto peculiar desta disciplina.

Não vivenciamos o processo de ambientação previsto no Programa, pois esse processo aconteceu em outra instituição, também federal, mas por problemas estruturais que não são objeto desse texto tivemos que encerrar a ambientação nessa instituição anterior. Devido a isso os residentes foram inseridos no processo de imersão diretamente nesta escola objeto desse relato, onde foi necessário se apropriar de suas diretrizes e contar com a grande colaboração do professor preceptor para se ambientarem dentro do colégio. Este convocou diversas reuniões, estudo de documentos da escola, discussões e exposições sobre a realidade da escola, bem como situou sobre cada turma disponibilizada para as regências.

Também fizemos uma pesquisa documental, utilizando documentos que subsidiam as práticas pedagógicas na escola, como a Base Nacional Comum Cirricular (BNCC) e o Plano Nacional de Educação (PNE).

A partir daí também tivemos que investigar algumas literaturas atuais relacionadas com a temática desse trabalho e com esse diálogo entre documentos, artigos e o relato das práticas pretendemos alcançar o objetivo deste trabalho.

**RESULTADOS E DISCUSSÃO**

**Contexto do Programa Residência Pedagógica**

Segundo a CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior, órgão do Ministério da Educação, responsável por elevar o nível de pesquisa científica em diversas áreas –, o programa Residência Pedagógica:

é uma das ações que integram a Política Nacional de Formação de Professores e tem por objetivo induzir o aperfeiçoamento da formação prática nos cursos de licenciatura, promovendo a imersão do licenciado na escola de educação básica, a partir da segunda metade de seu curso. (BRASIL, 2018a, p.?)

Nesse contexto, a Residência Pedagógica se diferencia do estágio tradicional, pois oferece maiores ferramentas ao licenciando no que se refere a esse aperfeiçoamento, que contempla atividades mais amplas, como por exemplo, intervenções pedagógicas para além dos momentos das regências em sala, acompanhamento de um professor/preceptor da escola que oferece todo tipo de suporte e atendimento em relação a tudo que envolve a prática pedagógica e construção de produções acadêmicas que dão retorno à sociedade e à escola de tudo que foi produzido durante o período de imersão. Tudo isso orientado por um professor da instituição de formação e um da escola-campo, que acompanham todo esse processo.

 O projeto, a partir do curso de Educação Física da Universidade de Pernambuco (UPE), teve início em meados de 2018 com prazo de um ano e meio, “com objetivo de qualificar a formação dos discentes, estabelecendo uma maior relação entre teoria e prática, fortalecendo e oportunizando a prática profissional docente de maneira ativa na busca por qualificação” (BRASIL, 2018a). Nessa perspectiva, o estudante busca entender a prática de forma completa, diagnosticando e coletando dados sobre a escola, os estudantes, a metodologia, a didática. Trata-se de uma experiência que vai dar suporte aos futuros licenciados.

Tem a qualidade de, a partir da experiência vivenciada no projeto idealizado e devidamente orientado por um tutor, apresentar novos horizontes para a formação, demandando uma reformulação da formação prática nos cursos de licenciatura, além de fortalecer, ampliar e consolidar a relação entre a Instituição de Ensino Superior (IES) e as escolas, promovendo, mais que formação docente, mais protagonismo. (BRASIL, 2018a, p.?)

Isso atualiza os discentes com os documentos norteadores da educação, proporcionando uma reflexão mais consistente do que será, num futuro próximo, seu subsídio para a prática educativa. “Nesse intento, almeja a promoção de um alinhamento dos currículos e propostas pedagógicas dos cursos de formação inicial de professores da educação básica com as orientações da Base Nacional Curricular Comum (BNCC).” (BRASIL, 2018a, p.?)

Num primeiro momento, tivemos a oportunidade de compreender melhor esse projeto a partir das leituras dos documentos que dão suporte para o projeto e para os residentes, dentre esses a BNCC e o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola campo.

A BNCC é um documento que tem como função sugerir as aprendizagens que os estudantes devem desenvolver nas escolas, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Ao sugerir quais serão essas aprendizagens por meio das competências e habilidades que compõem o documento, a BNCC serve como contribuição do que deve ser trabalhado ao longo da escolarização.

A construção do Projeto Político Pedagógico (PPP) é peça fundamental no planejamento das instituições de ensino em seus vários níveis e modalidades. É o PPP que irá demonstrar o que idealiza a escola, quais suas metas e objetivos e quais os possíveis caminhos para atingi-los. Mas, qual a importância do PPP para a Educação Básica? Veiga (2005) responde essa indagação afirmando que o PPP torna-se uma direção para as ações da escola. É um ato intencional que deve ser estabelecido coletivamente e, por isso, passa a ser compromisso de todos. Por ser projeto apresenta propostas, ou seja, é inacabado, inconcluso, dialético. Por ter dimensão política está comprometido com a formação de cidadãos que atuarão individual e coletivamente na sociedade e serão os responsáveis pela construção de seus rumos. E por ser pedagógico possibilita a efetivação da intencionalidade da escola, permite a organização de atividades e ações educativas necessárias para o ensino e aprendizagem. (VEIGA, 2015, p.?)

Dadas essas observações sobre dois dos principais documentos acerca do fazer pedagógico – BNCC e PPP – vimos como fundamental a devida apreciação de suas diretrizes para adequar o nosso plano de trabalho, não somente às demandas curriculares da escola, mas às prerrogativas dos documentos. Para tanto, foi preciso solicitar o material impresso para a devida leitura e compreensão de suas propostas, intencionando incorporar ao projeto em andamento.

Tivemos a oportunidade de iniciar as atividades da Residência Pedagógica em outra instituição federal de ensino, onde estávamos lotados inicialmente. Tivemos problemas em relação à continuidade das ações nessa por dificuldades diversas no período de ambientação que não são objeto desse texto.

Em outro momento fomos designados por nossa docente orientadora a darmos continuidade à residência no Colégio de Aplicação (CAp) da Universidade Federal de Pernambuco. Logo no início ficamos apreensivos por ser uma escola de referência no Estado de Pernambuco, porém ao dialogarmos com o professor preceptor e sermos recepcionados pelo Serviço de Orientação ao Estagiário do CAp – SOAE –, tivemos uma rápida e bem sucedida adaptação.

Os desafios acerca da prática pedagógica começaram desde a mudança de escola-campo. Sem o tempo sugerido para ambientação e observação, partimos para a prática, desconhecendo o contexto, mas, em determinado momento de nossa experiência na nova realidade, pudemos participar de vários momentos pedagógicos que nos forneceram elementos para planejar qualitativamente nossas aulas.

**Contexto da Escola Campo**

O Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco é uma instituição pública que funciona como um Centro de Educação Básica e campo de estágio na UFPE. É preciso que se destaque pelo menos três elementos fundamentais na constituição da unidade de ensino: o corpo discente, o corpo docente, a estrutura, o ensino e a avaliação.

O corpo discente é composto por estudantes que ingressaram na unidade escolar por meio de um processo seletivo rigoroso, o qual constitui um grupo diferenciado de alunos do ponto de vista sócio cultural e até econômico. Em 2016, foi aprovada uma medida que reservava 50% das vagas dos ingressos para estudantes advindos da escola pública, numa política com o objetivo de democratizar mais o acesso a toda essa estrutura.

O corpo docente tem, em sua maioria, títulos acadêmicos para além da graduação. São bem preparados pedagogicamente para desenvolver um excelente trabalho em sua área e orientam-se, inclusive, pela perspectiva interdisciplinar. São bem servidos de material para desenvolver seus projetos tanto do ponto de vista da própria disciplina, quanto no trabalho desenvolvido na PD.

Com uma estrutura diferenciada, apresenta-se como uma escola de referência e esse diferencial pode ser observado ao constatarmos a presença de laboratórios, bibliotecas, tecnologia, recursos materiais esportivos diversos, gerando, com isso, excelência nas práticas e fazendo com que a escola, de fato, se diferencie da realidade da grande maioria das escolas públicas. Com condições salariais e a possibilidade de dedicação exclusiva, automaticamente atraem os melhores e mais bem preparados profissionais em qualquer que seja a função na instituição.

No que se diz respeito à estrutura, há ainda a presença de nove setores, dos quais destacamos dois: o SOAE e o SOE. O SOAE – Serviço de Orientação e Atendimento ao Estagiário – é um setor exclusivo para atender os estagiários, residentes e pibidianos, sendo o setor que resolve a maioria das problemáticas relacionadas aos professores em formação. Já o SOE – Serviço de Orientação Educacional – é um serviço que fica responsável pelos estudantes no que diz respeito à atenção especializada seja nas questões referentes às aprendizagens, seja nas comportamentais, o que reforça a qualidade da estrutura e atendimento aos seus estudantes.

Acerca do ensino, o colégio é tido como referência em inovação e no modelo como se organiza. O colégio se diferencia na avaliação, por exemplo. O que causou certo estranhamento quando chegamos à escola campo. O colégio opta por uma perspectiva de avaliação qualitativa, que tem como objetivo interpretar fenômenos a partir da percepção do grupo e gera dados de forma descritiva. Os resultados apresentados pela avaliação são frutos da perspectiva do grupo avaliado, tem caráter subjetivo e gera interação. Então, esse modelo parte do pressuposto que o estudante deve ser avaliado não por provas e sim por avaliações feitas pelo professor durante o decorrer das aulas e posteriormente elaborado pareceres descritivos para serem discutidos no conselho de classe e em reuniões com os pais e/ou responsáveis por cada estudante.

Essas avaliações podem ser realizadas das mais diversas maneiras, utilizando os mais diversos instrumentos, privilegiando aspectos qualitativos sobre os quantitativos. Todo esse processo serve para constatar se o estudante atingiu totalmente/ parcialmente/ou não atingiu os objetivos de cada aula ou unidade didática.

Outro elemento que chama bastante atenção no processo avaliativo da escola campo é o fato de existir um espaço para os estudantes no conselho de classe, onde os mesmos tem a oportunidade de avaliar os professores no processo de ensino-aprendizagem. Um exercício extremamente bem-vindo tanto por parte dos estudantes quanto dos professores, estimulando o laço de compromisso e responsabilidade de ambos.

 Outro ponto importantíssimo a se frisar é de que os grupos formados não ultrapassam 30 estudantes por sala, o que possibilita um trabalho mais direcionado e eficaz por parte do professor.

No que concerne ao espaço físico voltado às práticas corporais, a escola é devidamente equipada para as atividades. A escola oferece uma estrutura de qualidade e que atende às necessidades da prática pedagógica: um ginásio com quadra poliesportiva coberta e com arquibancadas, uma sala para os professores de Educação Física com estrutura para pesquisa e reuniões, além de uma sala-ambiente para ginástica e dança. Também temos a disposição materiais de qualidade e em quantidade satisfatória para as aulas, o que facilita o planejamento das atividades. Em geral, no posto de vista estrutural, a escola é bem equipada quanto as suas outras instalações.

**Sobre a PD Esporte Escolar**

Com todo esse contexto de se pensar e materializar o processo de ensino aprendizagem favorável, como citado anteriormente, explorar essa parte diversificada do currículo com um corpo docente tão qualificado pode se tornar um trabalho riquíssimo. Depois de o corpo docente definir o que será ofertado, são disponibilizadas várias disciplinas por ano/série escolar, fazendo com que cada turma tenha em média dez alunos.

No caso da disciplina da parte diversificada vinculada à Educação Física – oferecida ao 9º ano –, o coletivo de professores a denominou de Esporte Escolar e foi nela em que nós – residentes – estivemos locados nesse segundo semestre de 2019. Pela primeira vez ofertada no colégio, o coletivo de professores de Educação Física optou por uma perspectiva de treinamento esportivo escolar, explorando as modalidades esportivas respeitando o projeto político-pedagógico da escola e privilegiando o rendimento escolar em detrimento ao rendimento esportivo.

Sobre a perspectiva escolhida e o conteúdo em si, reconhecemos o tema treinamento esportivo na escola como uma questão de entrave dentro da própria Educação Física, implicando em nossos currículos e formação. Ao assumirmos a turma, por exemplo, tivemos certa insegurança junto a um sentimento de incompreensão do objetivo da disciplina, que resultou em aulas – as primeiras pensadas pelos residentes, no caso – que fugiam um pouco da proposta da PD. Problema que foi rapidamente resolvido após conversa com nosso preceptor, que parte de exemplos da própria aula ministrada por nós para nos dar uma melhor compreensão do que seria a PD Esporte Escolar em uma perspectiva de treinamento, além do suporte de um documento norteador da disciplina que continha os objetivos a serem traçados a cada unidade temática. De toda forma, essa dificuldade de se pensar uma aula para além da perspectiva do currículo obrigatório é um ponto interessante a se mencionar por aqui.

 Com um conhecimento acerca dos esportes não suficientes para dar um treino – já que a formação inicial em licenciatura, com suas limitações, não dá conta dessa questão – coube a nós buscarmos fontes de enriquecimento teórico afora para ministrarmos com êxito a disciplina.

 Falando especificamente sobre treinamento escolar, o conceito mais popular é o do argumento de que é uma ferramenta utilizada pelos docentes para ajudar no desenvolvimento do estudante dentro e fora da sala de aula, e tem por finalidade ajudar o desenvolvimento motor, cooperação, disciplina e concentração, além de ajudar o aluno entender o papel do esporte na sociedade. Segundo Bonierski (2008),

O campo esportivo que comporta o esporte escolar contribui para superar o pensamento simplista dos projetos esportivos para finalidades competitivas, seleção do talento esportivo, retirar a criança da rua, entre outras tantas, e aprofundar o entendimento sobre o papel do esporte no espaço escolar e dos agentes que atuam neste espaço. (p. 2)

Ou seja, o argumento utilizado é de que o treinamento escolar além de ajudar no desenvolvimento da criança, seja ele motor ou social, ajuda também na compreensão de que se podem mudar realidades através do esporte.

 Quando afirmamos aqui que o treinamento escolar é uma questão de entrave na academia do nosso campo de estudo, é com base nas várias discussões vivenciadas ao longo de nossa formação. A crítica maior que existe – feita pelo grupo mais progressista de se pensar educação e Educação Física – é do conceito de um esporte elitista, excludente, midiático, onde esses valores e conceitos vão na contramão à uma educação progressista e entende-se que na escola não há espaço para isso.

Trazendo a discussão para a realidade de nossa *práxis*, podemos dizer que estamos mais próximos dos conceitos do treinamento esportivo na escola que o aproxima do PPP da mesma e consequentemente o faz parte do currículo. Conseguimos estabelecer uma relação agradável em nossas aulas de forma a render contribuições muito positivas dos estudantes.

 Apesar de nos utilizarmos da estratégia de competições como estímulo em vários momentos, em nenhum desses tivemos problema com excesso de competitividade, exclusão ou desrespeito de colegas de turma para com os mesmos. Pelo contrário, percebia-se em vários momentos uma noção de colaboração coletiva por parte dos estudantes para com seus colegas. Portanto, juntos conseguimos deixar o treinamento esportivo em nosso contexto muito mais próximo dos reais objetivos de um espaço escolar, legitimando o seu trato.

Esse ambiente criado nas aulas foi possível graças a uma boa recepção dos estudantes para com os residentes e, assim, tivemos tranquilidade para explorarmos essa faceta do esporte.

 Mesmo na perspectiva de treinamento, nossas aulas mantinham uma estrutura de uma aula comum do currículo, com prática social inicial, problematização e avaliação ao final de cada aula. Esses momentos para além do treino prático foram essenciais para acompanharmos as aprendizagens dos estudantes, já que tocávamos em pontos como tática, regras e situações de jogo, onde buscávamos ouvir as análises dos estudantes.

 Digamos então que, enquanto docentes, aprendemos tanto na busca por referências do conteúdo quanto na prática, desenvolvendo, experimentando e percebendo estratégias e caminhos úteis para a solidificação do processo de ensino-aprendizagem.

 Em relação à avaliação, a PD de Esporte Escolar segue o mesmo princípio qualitativo de todo o colégio. Nesse sentido, temos outro ponto interessante a se comentar. A avaliação qualitativa rompe o limite superficial do exame e passa a considerar todo o processo construtivo do conhecimento para a realização da avaliação, nenhuma aula é desconsiderada ou se isenta do processo avaliativo. Nesse sentido, um ponto que enriqueceu esse tipo de avaliação foi o fator de serem apenas nove estudantes na turma. Se quando se tem apenas nove estudantes na turma é ruim se formos pensar pela lógica do treino, este quantitativo enriquece muito mais a análise individual acerca do desempenho e aprendizado do aluno, resultando em uma avaliação mais qualitativa desse processo.

 Nessa perspectiva complexa de se avaliar os estudantes não há espaço para se limitar às habilidades e técnicas por estarmos lidando com uma disciplina de treinamento. Levamos em consideração não somente as habilidades, mas a compreensão total do jogo, da tática, regras e seu funcionamento.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Mesmo com as dificuldades, inquietações e desafios citados no presente trabalho, podemos dizer que nossa experiência nessa nova realidade foi enriquecedora. Em uma estrutura que nos dava múltiplas possibilidades na prática pedagógica consideramos que esse desafio da PD nos ofereceu elementos para nosso amadurecimento e crescimento profissional.

 Cientes das várias realidades educacionais diferentes, acreditamos que reconhecer e adaptar são pontos cruciais para uma prática pedagógica com êxito. Reconhecemos também a Residência Pedagógica como um espaço propício para isso, enaltecendo as contribuições de nossos docentes orientadores nesse processo de superação dos desafios.

 Abordar o esporte na realidade escolar, porém em um contexto de treinamento, trouxe reflexões importantes para a formação inicial e, porque não dizer, continuada de professores. Como lidar com um conhecimento que não dominamos? Como tratar o esporte e a competição na lógica do treinamento sem cair no equívoco do trato excludente e do alto rendimento? O que diferencia o trato do esporte na PD Esporte Escolar para o trato com esporte nas aulas de Educação Física?

 Tais questionamentos foram norteadores de discussões e aprendizados junto ao professor preceptor de modo a avançarmos qualitativamente em nossas práticas, E provavelmente não teríamos essas experimentações não fosse o espaço disponibilizado pelo Programa Residência Pedagógica, pela escola-campo e pelos docentes preceptor e orientadora. Lidamos com diversas diferenças como a turma reduzida, tendo apenas 10 estudantes matriculados na PD, a diversidade de aprendizagens sobre esporte dentro do grupo que era muito diverso, e a abordagem do conhecimento do fenômeno esporte sem abrir mão do espaço da prática.

Compreendemos a busca por conhecimento como fator fulcral para essa superação, reconhecendo o fazer docente como uma atividade que estará num exercício incessante de aprendizado e de reflexão na ação. Nesse sentido as reuniões após cada aula com o preceptor forneciam elementos para essa reflexão, percebendo o que havíamos avançado nas aulas, o que precisava ainda de tratamento e o que podíamos pensar para a continuidade na próxima aula.

Essa dinâmica nos fazia o tempo inteiro perceber o movimento que acontecia entre os estudantes, o conhecimento tratado e a forma como abordávamos esse conhecimento. Tais elementos nos forneciam dados extremamente ricos para pensar não somente a nossa prática, mas a realidade escolar com suas dificuldades e avanços, além de lidar com situações do cotidiano como ausência de fardamento apropriado para as aulas, atrasos, discussões ricas entre discentes e regentes e a relação dos conhecimentos com a realidade social.

Diante disso chegamos ao entendimento da residência pedagógica como um espaço enriquecedor para o crescimento de nosso domínio do fazer docente, nos propiciando ferramentas e aprendizados que levaremos para o resto de nossas vidas e carreiras. Vivenciar, ainda, o processo de pesquisa e escrita durante a Residência foi fundamental para percebermos a relação teoria-prática se materializando todo o tempo. Compreendemos que todo o processo demandava aporte teórico, para além de meros exemplos de exercícios, mas de fundamentação da própria prática.

A prática, inclusive, servia de base para as reflexões seguintes e assim seguíamos estudando e discutindo sobre o que fazíamos dando saltos qualitativos a medida que, coletivamente, chegávamos a decisões sobre a continuidade do processo ensino-aprendizagem. Toda a experiência, então, foi válida não apenas porque exercitamos as nossas regências, mas pela compreensão da amplitude do fazer docente e da necessidade constante de formação, e formação de qualidade social.

**REFERÊNCIAS**

BONIERSKI, G. A. **As possibilidades do treinamento esportivo dentro do espaço escolar como parte integrante do projeto político-pedagógico que privilegie a formação pessoal do aluno e da aluna.** Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1731-8.pdf. Acesso em: 03/11/2019

BRASIL. **Diretrizes Curriculares de Educação Física Para os anos finais do Ensino Fundamental e para Ensino Médio**. Curitiba, PR: SEED, 2008.

\_\_\_\_\_\_\_. **Plano Nacional de Educação** – LEI N° 13.005/2014. Disponível em: http://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014;

\_\_\_\_\_\_\_. **Edital CAPES 06/2018**. 2018a. Disponível em: http://www.capes.gov.br/images/stories/download/editais/0103018-edital-6-2018-residencia-pedagogica.pdf >Acesso em: 20/05/2019.

\_\_\_\_\_\_\_. **Base Nacional Comum Curricular**. 2018b Disponível em:< http://basenacionalcomum.mec.gov.br > Acesso em: 20/05/2019

FARIA, J. B; PEREIRA, J.E**.** Residência pedagógica: afinal, o que é isso? **Revista Educação Pública.** Cuiabá, v. 28, n. 68, p. 333-356, mai/ago. 2019.

PERFEITO. R. S. **O treinamento desportivo escolar e a revelação de jovens talentos**. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd152/o-treinamento-desportivo-e-jovens-talentos.htm > Acesso em: 20/05/2019.

SAUL, A. M. **Avaliação emancipatória: desafios à teoria e à prática de avaliação e reformulação de currículo.** 3.ed. São Paulo: Cortez, 1995.

1. [↑](#footnote-ref-1)
2. 1Residente do Programa Residência Pedagógica - UPE/Subprojeto Educação Física, Graduanda, ESEF/UPE, jessicaoliveira311@hotmail.com.

Residente do Programa Residência Pedagógica – UPE/Subprojeto Educação Física, Graduando, ESEF/UPE, joaopetrisep@outlook.com.

3Preceptor do Programa Residência Pedagógica – UPE/Subprojeto Educação Física, Mestre em Educação Física, Docente CAP/UFPE, gustavo.jslira@ufpe.br.

4 Docente orientadora do Programa Residência Pedagógica – UPE/Subprojeto Educação Física, Doutora em Educação Física, ESEF/UPE, kadja.tenorio@upe.br. [↑](#footnote-ref-2)
3. [↑](#footnote-ref-3)
4. [↑](#footnote-ref-4)